

Japonês acha país tímido

SÃO PAULO — O Brasil não devia ter interrompido a moratória decretada no início de 1987, mas sim ter procurado forçar uma solução definitiva para o problema da sua dívida externa. O governo brasileiro precisa ser mais agressivo na obtenção de recursos novos junto aos países credores, especialmente o Japão, que dispõe de mais de 30 milhões de dólares para emprestar. Esses conselhos não são de nenhum líder esquerdista, mas sim de Shoichi Osada, principal executivo do Tokyo Sogo Bank, 22º colocado no *ranking* dos bancos japoneses.

Autodenominando-se conservador, Osada, que é um entusiasta do Brasil, não chega a endossar a idéia de formação de um *clube dos devedores*, mas salienta que, para o Brasil, não é vantajoso ficar negociando pagamentos de juros. “Uma moratória parcial como a que foi feita pelo governo brasileiro não leva a nada. O governo deveria ter feito uma moratória total, de forma a forçar uma negociação que desaguasse numa solução mais dura para o problema da dívida externa brasileira”, opina o banqueiro japonês, que fica no Brasil até o final da semana para manter contatos informais com autoridades, ex-autoridades e banqueiros brasileiros.

Para ele, o Brasil não necessitaria formar um clube dos devedores porque ele sozinho é hoje um “devedor respeitável”. Osada conta que o governo japonês separa seus devedores entre os sem recursos e os com recursos, destacando que o Brasil está no segundo grupo. Exatamente por esse motivo, argumenta que a postura brasileira até agora tem sido muito apática no sentido de conseguir recursos novos. Ele garante que, além dos 30 milhões de dólares que tem disponíveis para empres-

tar, o Brasil poderia conseguir muito mais recursos adicionais.

Oportunidade — Osada informa ainda que desde a visita feita pelo ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro ao Japão, o clima político em seu país mudou muito, com a eleição do novo primeiro-ministro Noburo Takeshita. Ele considera que seria interessante para o Brasil enviar uma missão oficial e aproveitar politicamente a visita que ex-primeiro-ministro Takeo Fukuda fará ao Brasil em junho. “O Brasil e os outros devedores deveriam dar mais atenção ao Japão, hoje o líder entre países credores e não mais os Estados Unidos, que se transformaram num país devedor, aconselha o banqueiro.

Anunciando que seu país passou no final de 1987 a ser o maior credor do mundo e, por esse motivo, deve merecer uma atenção maior, Osada diz que no Brasil não daria certo instalar as Zonas de Processamento de Exportações (ZPE), porque esse sistema só deu resultado nos países onde foi implantado porque o método usado é o de “salários aviltados e mão-de-obra profundamente explorada”.

☐ O ministro da Fazenda, Mafson da Nóbrega, disse ontem a lideranças sindicais do estado de São Paulo, que a suspensão da moratória brasileira, que já durava quase um ano, foi feita para “desemperrar as negociações” com os bancos credores da dívida externa do país. Segundo o ministro, foi a melhor solução para se chegar mais rapidamente a uma renegociação com os credores, a médio prazo, que é bem melhor do que a formalização de seguidos acordos provisórios.